

# O Morto que Não Morreu

O fato que vamos narrar a seguir aconteceu em Muzambinho, na década de 30, mais ou menos.

Ananias Bueno, rico fazendeiro na época, era um homem bem relacionado, falecera, e como era por demais conhecido de toda a população, causou o maior impacto na cidade. Por isso, seu velório foi muito concorrido, comparecendo amigos, parentes e muitos curiosos.

Madrugada alta, o corpo do “extinto” virou-se bruscamente no caixão, fazendo com que este quase caísse da mesa onde fora colocado. Porque naqueles tempos, devem estar lembrados os mais velhos, os velórios eram feitos na própria residência do falecido.

Os menos corajosos deram no pé, vendo assombração! Uns poucos, após alguns instantes de indecisão, compreendendo que o Sr. Ananias não morrera, foram até ele, que estava tão ou mais assustado que os demais. Acontece que o homem, soube-se mais tarde, fora vítima de um ataque de catalepsia, e a medicina daqueles idos não tinha meios para diagnosticá-lo. Por isso, o médico, não ouvindo bater o coração do fazendeiro, dera-no como morto.

O povo da cidade de Muzambinho ainda vivia a surpresa desse inusitado acontecimento, quando faleceu outro importante membro da comunidade. Embora de poucas posses, o extinto, Leôncio de Sá (nome fictício para não melindrar possíveis parentes ainda na cidade), era muito benquisto.

Após o costumeiro velório, o corpo, colocado num caixão de madeira modesta, coberto de fitas roxas, como era de praxe na época, ia sendo levado para a igreja, carregado por parentes e amigos, que se revezavam no esforço de segurar as alças, quando a coisa aconteceu.

Eles seguiam a pé, como mandava o figurino. Na igreja matriz, o corpo do Sr. Leôncio receberia a última bênção antes de ir para o cemitério, que ficava e fica numa colina, a quase dois quilômetros de distância, pois a residência do falecido ficava perto do campo de futebol, no outro extremo da cidade.

Já haviam caminhado cerca de mil metros, e percorriam a Av. Dr. Américo Luz, quando o fundo do caixão, não suportando o muito peso do que se fora, rompeu-se, jogando o cadáver em plena via pública.

Não ficou ninguém pra conferir. Possivelmente, ainda impressionados com a “ressurreição” do Ananias Bueno (que muitos teimavam em chamar de milagre), abandonaram o corpo jogado na avenida, saíram todos em desabalada corrida pelos arredores, todos apavorados com o acontecido.

Foi necessário que o Frei Florentino, um holandês decidido e bastante querido do povo de Muzambinho, que aguardava o féretro na igreja, aos berros, fizesse todos voltarem, provando que aquilo não passava de um acidente.

Depois de colocarem o falecido no banco de uma casa comercial, ali por perto, chamaram um carpinteiro para consertar e reforçar o fundo do caixão.

E tudo pode seguir como combinado: benção na igreja e sepultamento no cemitério. Meu pai, ainda jovem, foi testemunha ocular dos dois estranhos acontecimentos. Hoje, em razão do estado adiantado em que se encontra a medicina, tais fatos raramente acontecem, bem como caixões fracos e carregados por pessoas em longos percursos, pois os carros funerários substituíram tal procedimento.

Os conceitos de medicina, embora eu seja um leigo no assunto, se modificam dia após dia, pois antigamente apêndice era “nó na tripa” (e haja purgante); “ferida brava” hoje tem outro nome; e certa vez vi um homem na Rua Tiradentes, sentado sem se mexer, e ao perguntar à minha mãe o que ele tinha, ela me respondeu: “ele sofre do coração e se mexerem é capaz de morrer!” Hoje o tratamento de doenças cardíacas é bem outro, não é verdade?

